Breve meditação sobre o NATAL

Artigo de M. LOPES RODRIGUES

ESTAMOS em presença do Presépio. Subjugado pela sedutora fascinação evocativa, eu medito na sublime quietude — toda concentração e vida fecunda do Espírito — dos três personagens que nele figuram, pois deles esplende a infinita grandeza da Unidade: na encarnação de Deus com os homens e destes com Deus.

Na mercê da suprema entrega, a Noite de Natal foi a noite excelsa da transfiguração religiosa do Mundo, em que se iniciou o Diálogo entre o Espírito Divino e a Humanidade.

O Nascimento de Jesus, nesse ano distante do primeiro século da Cristandade, veio quebrar o silêncio de Deus, que se fez Palavra para percorrer o Mundo, concretizando, desde aí, a intenção divina, que se fez eco desde o momento em que se ouviu a voz gloriosa da Anunciação, que participou e convidou o Homem a prostrar-se com humildade, dominado pelo deslumbramento da estrela radiosa, para que proclamasse também com a voz do Anjo:

— Glória a Deus nas Alturas!

E porque era de agrado o gesto da submissão — que é sentimento de alta nobreza, que engrandece e redime — o Verbo de Deus ditou, no esplendor da Omnipotência:

— Paz na terra aos homens de boa vontade!

Nestas palavras — que foram mensagem do Céu ao Mundo — se consubstanciaram e definiram todas as aspirações de Justiça, generosamente abertas à verdade e ao acatamento das almas fiéis, para constituírem o Preceito novo de duas Verdades eternas: a do Amor e a da Paz.

Por isso, no Presépio, exalta-se a glória do Verbo que é Luz e é Vida e, junto dele, não podemos entender outra linguagem que não seja a da submissão à grandeza da Fé e à defesa do Preceito instituído.

Está ali, no Deus e no Menino, o grande programa para o Mundo dos nossos dias: a Verdade e a Humildade — o Amor e a Paz.

De facto, hoje mais do que nunca, a Mensagem deve ser apregoada, para que sejamos homens conscientes, responsáveis, corajosos e firmes — para sabermos amar e defender o Chamamento e as Regras da doutrina desde então amorosamente proclamadas na terra.

Temos que entender o valor deste Ensinamento para não deixarmos que seja a mentira farisaica a governar o Mundo — este Mundo insensato que procura perder-se em satânicas loucuras.

Temos que relembrar os Evangelhos — a lição esquecida — para, de novo, os apregoar e para darmos novo testemunho de que o Deus-Menino, nascido em Belém, se fez Homem para que as suas palavras fossem ouvidas e seguidas,

Continua na página 13

NATIVIDADE

pelo Dr. FREDERICO DE MOURA

NUM pedaço tosco de pinheiro manso o velho santeiro começou a trabalhar com o seu canivete bem afiado e logo se viu, pelos movimentos amplos, que esculpia um manto largo e aberto e que esboçava um regaço desmedido...

Cortava com largueza a fibra cheirosa de resina como quem seguisse com o gume as linhas marcadas de um desenho. Depois botava mão de pequenos e delicados buris e, com mais subtileza, começava a adelgaçar a obra em determinado ponto. E, daí a pouco, começava-se a adivinhar uma cabeça coberta pelo manto, que daí para baixo ia alargando em leque até ao chão.

Lentamente a gente via nascer daquelas mãos, nodosas e grossas, uma figura de mulher sentada e de rosto virado para o Céu.

Durante vários dias, o velho tirou, com a sua ferramenta, aparas daquele pedaço de madeira, que deixava na oficina um perfume rescendente. E cada vez se via, com maior nitidez, nascer daquele cerne puro, um vulto de mulher, com seu manto largo, muito largo, infinitamente largo...

Pouco depois, começava a aparecer, esboçado no colo daquela figura, um corpo de criança, toda nua, no meio daquele inverno frio e macilento.

A princípio só volumes se definiam, sem pormenores que lhes dessem expressão e vida.

Mas, esboçada a obra, viu-se a mão milagrosa do artífice cerrar as pálpebras do Menino, num sono que queria ser infantil; virar os olhos da Mãe para o Céu, numa expressão que queria ser de reconhecimento; ajeitar os panejamentos num gesto que queria ser de agasalho; e animar os lábios de um movimento que queria significar sorriso.

E, com pouco mais, estava o trabalho de escultura concluído, mas listrado dos veios do material em que fôra aberto com o canivete peregrino e hábil.

Faltava policromar. Figurar a carne tenra do corpinho do Menino e os cílios leves das suas pálpebras cerradas; iluminar a íris azul da Mãe de uma luz sobrenatural, sublinhar o sorriso muito ténue do Menino adormecido no colo materno de um tom de inocência.

Num vidro estendia-se o arco-íris em montinhos que o pincel procurava àvidamente para ir, aqui e ali, carregar uma sombra ou abrir uma cor.

Um manto azul servia de fundo e de agasalho àquele grupo...

Mas o velho sabia de antemão e na ponta da língua a história toda. Durante oitenta anos a ouvira contar e durante oitenta anos assistira a ela.

Sabia, de certeza certa, que as vozes cristalinas não agradam aos tiranos e que as mensagens de paz encontram muros de surdez no seu caminho. Sabia, de ouvir contar e da sua própria experiência, que a Boa-Nova sempre teve de fugir para o Egipto, num jumentinho resignado, ao colo de sua Mãe; que A Varanda de Pilatos é

Continua na página 13

Uma Carta do Natal

pelo **Dr. ANTÓNIO CHRISTO**

EM 23 de Dezembro de 1885 — completam-se agora três quartos de século — Ramalho Ortigão escreveu a Luís de Magalhães uma carta comovedora, que no ano seguinte foi publicada no *Almanach das Senhoras Portuenses para 1887*, de D. Albertina Paraíso, com o título *Vinho Quente*.

Tudo são primores de delicadeza nas suas laudas admiráveis — das quais me permito recortar os períodos que se referem ao desafortunado aveirense Augusto Soromenho e à pobre senhora que foi sua Mãe.

Depois de lembrar, enternecidamente, a celebração do Natal «no carinhoso aconchego obscuro da casa paterna», Ramalho Ortigão continua deste modo:

«E neste dia, se a essa lembrança se vem juntar na minha alma uma palavra amiga, sinto que o afago da ternura humana é para os que envelhecem um tão confortativo bálsamo como o tradicional licôr minhoto, e que é também um vinho quente a bondade dos outros.

O anno passado, por exemplo, correu-me bem o Natal.

Precisamente neste dia, faz hoje um anno, recebia do Porto uma carta, bem tremida na letra e na comoção que exprimia, e na qual um periodo dizia assim:

«Com perto de noventa anos de idade sinto-me agora muito velha, muito fraca, muito perto da sepultura. Como talvez lhe não possa escrever outra vez, faço esta para lhe pedir que acredite que eu morrerei abençoando-o».

É breve a história desta carta.

Por morte de Augusto Soromenho, meu amigo, sua velha mãe, residente no Porto e sustentada por uma mesada de 12$000 reis que ele lhe dava, fez-me a honra de me escolher

Continua na página 13

Noite de Natal

Bairro elegante — e que miséria!
Roto e faminto, à luz sidéria,
O pequenino adormeceu...

Morto de frio e de cansaço.
As mãos no seio, erguido o braço
Sobre os jornais, que não vendeu.

A noite é fria; a geada cresta;
Em cada lar, sinais de festa!
E o pobrezinho não tem lar...

Todas as portas já cerradas!
Ó almas puras, bem formadas,
Vede as estrelas a chorar!

Morto de frio e de cansaço,
As mãos no seio, erguido o braço
Sobre os jornais, que não vendeu.

Em plena rua, que miséria!
Roto e faminto, à luz sidéria,
O pequenito adormeceu...

Em torno dele — ó dor sagrada!
Ao ver um circulo sem geada
Na sua morna exalação,

Pensei se o frio descaroável
Do pequenino miserável
Teria mágoa e compaixão...

Sonha talvez, pobre inocente!
Ao frio, à neve, ao luar mordente,
Com o presépio de Belém...

Do céu azul, às horas mortas,
Nossa Senhora abriu-lhe as portas
E aos òrfãozinhos sem ninguém...

E todo o céu se lhe apresenta
Numa grande Árvore que ostenta
Coisas de um vívido esplendor,

Onde Jesus, o Deus Menino,
Ao som de um cântico divino,
Colhe as estrelas do Senhor...

E o pequenito extasiado,
Naquele sonho iluminado
De tantas coisas imortais,

No céu azul, pobre criança!
Pensa talvez, cheio de esp'rança,
Vender melhor os seus jornais...

ANTÓNIO FEIJÓ

1862-1917

In «Ilha dos Amores»

campeões de motonáutica

Nas águas da Barragem do Castelo do Bode, efectuaram-se, no pretérito domingo — como anunciámos — as derradeiras provas dos Campeonatos Nacionais de Motonáutica.

Faltaram diversos desportistas que haviam disputado as anteriores provas, realizadas, sucessivamente, em Setúbal, Caniçada, Cascais e Costa Nova, entre eles vários aveirenses.

No entanto, Aveiro alcançou dois títulos nacionais, por intermédio de Luís Filipe e Carlos Vicente França Marques Mendes (na *Categoria de Turismo*, 1.ª classe do Grupo B), e de Carlos Marques Mendes (na *Categoria de Sport*, 2.ª classe do Grupo D) — todos do Sporting de Aveiro.

Pelo valor patenteado e, também, pela sua dedicação à modalidade, os referidos desportistas — que honraram e prestigiaram as cores do seu Clube e a própria cidade — são credores de uma palavra de elogio, de uma palavra de felicitações e de uma palavra de agradecimento, que, e gostosamente, aqui deixamos expressas.

A concluir, indicamos a classificação geral absoluta, obtida no final do I Campeonato de Portugal de Motonáutica:

1.º — António Saguer, do Clube Naval de Cascais; 2.º — Luís Filipe e Carlos Vicente França Marques Mendes, do Sporting de Aveiro; 3.º — D. Diogo Passanha, do Clube Naval de Cascais; 4.º — Dr. Roberto Roquete, idem; 5.º — Carlos Marques Mendes, do Sporting de Aveiro; 6.º — Carlos Vicente França Marques Mendes, idem; 7.º — Carlos Resende, do Clube Naval de Cascais; 8.º — João Mont, idem.

Por último, duas palavras sobre o êxito que os beiramarenses obtiveram em Coimbra. Trata-se duma vitória preciosíssima, que poderá refortalecer os alicerçadas pretensões dos aveirenses, já que surgiu no momento exacto, sendo susceptível de moralizar grandemente a turma, dando-lhe novos alentos, novo vigor e nova confiança — como todos ambicionamos. Aliás, o pretérito domingo foi um dia em cheio para o Beira-Mar, pois os desfechos verificados em todos os restantes prélios *nem de encomenda* poderiam ser mais favoráveis à consecussão dos designios da sua turma!

. . . .

Amanhã, a prova vai ser suspensa, dada a solenidade do dia de Natal. Guardamos, por isso, para a próxima semana, alguns comentários ao comportamento das turmas durante a primeira volta do torneio.

SECÇÃO DIRIGIDA POR

DESPORTOS

ANTÓNIO LEOPOLDO

Campeonato Nacional da II Divisão

COMENTÁRIO GERAL

Sobre a jornada de domingo passado, com que se rematou a primeira volta da competição, muito haverá que dizer-se. Antes de tudo, convirá referir-se que o *leader* foi batido no seu próprio recinto, precisamente pelo *lanterna-vermelha!* Deste jeito, a Oliveirense cedeu terreno, embora ainda disponha de um considerável avanço pontual sobre os seus mais directos competidores. Os homens do Boavista, ante um Marinhense disposto a fazer olvidar a derrota que a Oliveirense lhe impusera no Campo da Portela, não foram além dum empate, que constitui a novidade de ser o primeiro dos axadrezados, ao mesmo tempo que representa um ponto perdido. Aliás, neste momento, apenas o Torriense se encontra cem por cento vitorioso no seu ambiente!

Dois resultados que dão para meditações profundas: as vitórias — sobretudo pela expressão numérica por que se traduziram — do Feirense e do Castelo Branco, caso curioso, dois grupos que este ano ascenderam à II Divisão.

O Gil Vicente, outro dos promovidos, empatou em Chaves, após um jogo movimentado e em que o árbitro teve actuação verdadeiramente lamentável, segundo o que sobre o oludido encontro tem sido escrito.

No *derby* entre os vizinhos Caldas e Torriense, companheiros em momentos de euforia (subida à I Divisão) e de tristeza (baixa à II Divisão), prevaleceu, desta vez, a vantagem do factor ambiente.

Mapa da Classificação

CLUBES	J.	V	E.	D.	Bolas	P
Oliveirense	13	9	—	4	27 - 16	18
C. Branco	13	6	3	4	24 - 18	15
Caldas	13	7	1	5	27 - 22	15
Beira-Mar	13	5	5	3	20 - 16	15
Boavista	13	7	1	5	20 - 20	15
Marinhense	13	6	2	5	26 - 15	14
Torriense	13	6	2	5	19 - 21	14
Peniche	13	6	2	5	19 - 21	14
Chaves	13	4	4	5	23 - 31	12
Sanjoanen.	13	5	2	6	23 - 31	12
Feirense	13	4	3	6	29 - 30	11
G. Vicente	13	4	3	6	23 - 18	11
União	13	4	1	8	14 - 38	9
Vianense	13	3	1	9	15 - 22	7

Jogos para 1 de Janeiro

Feirense — Chaves (1-2), Oliveirense — Peniche (2-0), Boavista — Vianense (0-3), Castelo Branco — Marinhense (0 3). Caldas — Sanjoanense (1-4), União — Torriense (1-2) e Beira-Mar — Gil Vicente (1-1).

no 13.º DIA

União, 0 — Beira-Mar, 1
Caldas, 3 — Torriense, 1
C. Branco, 6 — Sanjoanen., 2
Boavista, 1 — Marinhense, 1
Oliveirense, 0 — Vianense, 1
Feirense, 4 — Peniche, 1
Chaves, 2 — Gil Vicente, 2

União, 0 — Beira-Mar, 1

FINALMENTE, o Beira-Mar encontrou, no domingo, um dia de sorte, no decurso do presente Campeonato Nacional da II Divisão. Na realidade, tendo efectuado uma das mais frouxas exibições da presente temporada, os beiramarenses retiraram-se do sempre difícil Campo da Arregaça com os dois preciosos pontos da vitória, que sòmente asseguraram a escassos minutos do termo da contenda.

No entanto, é de referir-se que, por diversas circunstâncias, o Beira-Mar foi um justo triunfador. Dentre esses factores, um assumiu mesmo especial relevância: referimo-nos, como é óbvio, à inferioridade numérica dos amarelos-negros, que jogaram toda a segunda parte sem o seu extremo-esquerdo Paulino, que o árbitro expulsara no derradeiro minuto da metade inicial. Depois desta razão, haverá que relevar a forma que os unionistas utilizaram para suprir as suas deficiências técnicas, empregando uma toada de verdadeira *intimidação* e destruição por qualquer forma... Candeias e Zeca, sobretudo este, abusaram amplamente do critério de *roda livre* concedido pelo *refree*, cometendo autênticas agressões que passaram impunes!

No primeiro quarto de hora, houve sensível equilíbrio, sendo de notar-se, contudo, que os melhores ensejos de golo pertenceram, então, ao Beira-Mar: Paulino, aos 7 m., em recarga, teve um poderoso remate que daria golo se tivesse saído um pouco mais baixo; e, em dois outros lances, Negalho, arrojadamente, salvou as suas redes, lançando-se aos pés de Laranjeira, e a seguir, defendendo um tiro de Paulino.

Seguiu-se um período de nítido ascendente territorial dos conimbricenses, que, na conclusão, foram um tanto precipitados e bastante ineficazes. E assim se *explica* o 0-0 com que se atingiu o intervalo.

No segundo período, com a subida dos médios, o Beira-Mar passou, embora com um elemento a menos, a ser a mais esclarecida equipa dentro do terreno. Foi, até, a única equipa consciente dentro do acanhado recinto da Arregaça, já que o União não ganhou jus a ser considerado como turma de futebol...

Jogou-se, na segunda parte, sobre o meio campo. A superioridade manifesta dos beiramarenses tornou-se um facto inquestionável. Mas as duas balizas perigaram, dado que ambos os contendores tiveram sempre no pensamento resolver a seu favor a igualdade que os números teimavam em indicar. Houve, talvez, mais ataques e maior perigo por banda dos visitados, que forçaram Violas a algumas boas paradas e que obrigaram a defesa do Beira-Mar a trabalho difícil. Aqui e além, os defensores do Beira-Mar tiveram, mesmo, alguma fortuna por seu lado... Os aveirenses, com extraordinário afinco e verdadeiro *élan* — e sempre com mais consciência, diga-se — responderam todas as vezes de pronto, sendo de notar-se que Laranjeira se creditou de dois remates intencionais, de ambas as vezes forçando Vital a empregar-se com denodo para evitar que o marcador funcionasse.

Esgotadas as suas últimas energias, o União cedeu, notòriamente, passando a defender o empate. Faltava, para o termo do jogo, cerca de um quarto de hora. E, então, o Beira-Mar caiu a fundo: os aveirenses passaram a assediar, com insistência, a extrema-defesa dos donos da casa. Aos 80 minutos, Garcia teve um golo à vista, após espectacular falhanço de Candeias: completamente isolado à entrada da área, o argenti-

Continua na página 12

Novo Presidente da Comissão de A'rbitros

Como na semana finda noticiámos já, realizou-se na penúltima sexta-feira, dia 16, a cerimónia da posse do novo Presidente da Comissão Distrital dos A'rbitros de Futebol de Aveiro, sr. Eng.º João Cândido Ventura da Cruz.

Presidiu ao acto, a que se seguiu uma luzida e concorrida sessão solene, o Delegado em Aveiro da Direcção Geral de Desportos, sr. Dr. Alberto Resende Martins.

Durante a solenidade, usaram da palavra os srs. Dr. Resende Martins e Dr. Francisco Gomes da Cruz, Presidente da Direcção da Associação de Futebol de Aveiro, que saudaram o empossado e enalteceram as qualidades que o exornam, fazendo votos por um profícuo labor do novo dirigente.

Este, em resposta, referiu as dificuldades inerentes ao posto que vai ocupar, prometendo o seu melhor es-

Continua na página 12

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO

Disputaram-se os jogos da penúltima jornada da prova e, de acordo com os resultados obtidos, sabe-se já que o Sporting de Espinho é o novo campeão distrital. Ficou, também, a saber-se que o Cesarense baixará de Divisão, enquanto que ao Sporting da Vista Alegre competirá efectuar os jogos de passagem.

Relativamente ao apuramento do quarteto aveirense para a II Divisão Nacional, a questão agora só conta com um incógnita, já que Arrifanense e Recreio estão já qualificados. O quarto de Aveiro sairá do duo Ovarense-Cucujães, que se deslocam, no último dia, a Espinho e Arrifana, respectivamente.

Desfechos do dia: LUSITÂNIA, 0-ARRIFANENSE, 2; VISTA ALEGRE, 1-PEJÃO, 1; OVARENSE, 8-CESARENSE, 1; RECREIO, 1-ESPINHO, 1; e CUCUJÃES, 4-LAMAS, 1.

Continua na página 12

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

Na jornada de sábado findo, triunfaram, com naturalidade, o Galitos, em Cucujães, e o Beira-Mar, em Aveiro (frente ao Illiabum), pelo que ambos se mantêm a par no topo da tabela, tendo, ainda, aumentado o seu avanço sobre o competidor mais chegado.

Este, o terceiro, continuou a ser o Esgueira, que, no entanto, foi derrotado em S. João da Madeira por margem superior à verificada na partida da primeira volta. Isto significa que os esgueirenses sacrificaram parte das esperanças que acalentam no intuito de conseguirem o terceiro posto, ao passo que a Sanjoanense melhorou grandemente as suas aspirações.

A classificação, após os já aludidos jogos, encontra-se ordenada da seguinte forma:

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	10	9	—	1	359-244	28
Beira-Mar	10	9	—	1	411-315	28
Esgueira	10	5	—	5	349-339	20
Sanjoanense	9	4	—	5	340-348	17
Sangalhos	9	3	—	6	289 325	15
Illiabum	9	2	—	7	283 319	13
Cucujães	9	1	—	8	200-338	10

A próxima jornada

No DIA 30 — Sanjoanense-Illiabum (35-45) e Cucujães-Sangalhos (22-46). Em 2 ou 3 de JANEIRO — Galitos-Esgueira (29-23).

Cucujães, 17 — Galitos, 40

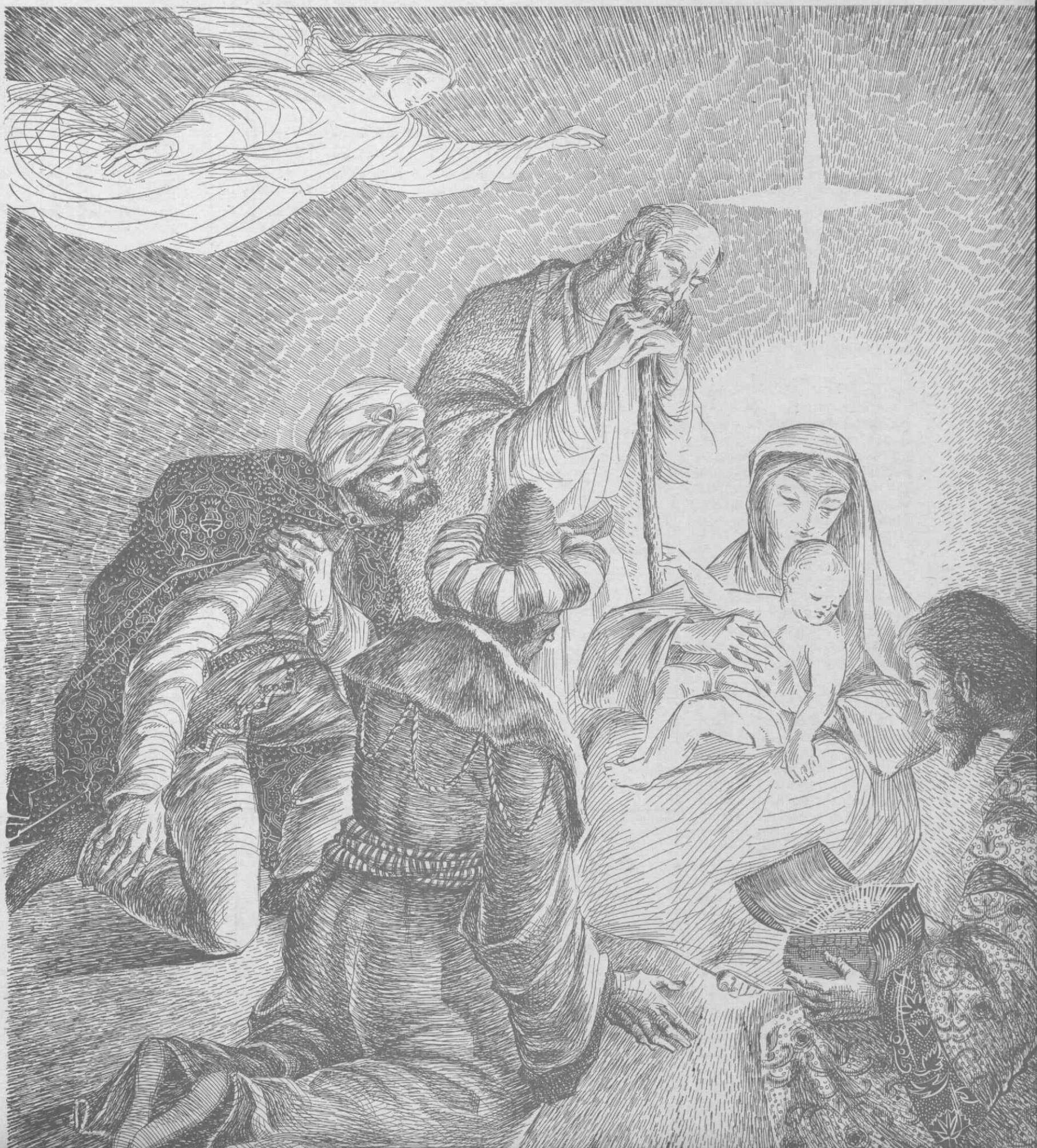
Jogo no Campo de Castro Lopes, em Cucujães, na noite de sábado. A'rbitros: Albano Baptista e António Rino.

CUCUJÃES — Silvestre, Moutinho 4, João Ramalhosa, José António 11, Jorge 2, Andrade e Costa.

GALITOS — Albertino 4, José Fino 13, Arlindo 4, Artur Fino 8, Júlio 6, Hernâni 1, João 2, Raul 2, Matos e Mário Júlio.

Os cucujanenses obtiveram 7 cestas de campo e transformaram 3 lances livres em 16 tentados (18,75 %). O Galitos conseguiu 17 cestas de campo e transformou 6 lances livres em tentados (37,5 %).

Continua na página 12

O **Litoral** deseja muito Boas-Festas aos seus estimados colaboradores, assinantes, anunciantes e amigos

Desenho de
ISOLINO VAZ
Gravura cedida por « O Pejão »

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 29 de Janeiro de 1958, exarada no L.º 317, de fls. 45 a fls. 46 v.º, do aquivo deste Cartório, foi constituída entre *Silvestre Resende dos Santos* e *Manuel Martins Pereira*, uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

Esta Sociedade adopta a firma *Martins & Santos, Limitada*, e fica tendo a sua sede nesta cidade.

SEGUNDO

O seu objecto é o exercício da venda de bicicletas e seus acessórios, secção de pintura e importadores, podendo exercer qualquer outra espécie de comércio ou indústria, para que não seja necessária autorização especial.

TERCEIRO

A sua duração é por tempo indeterminado, contando o seu começo de um de Janeiro corrente, sendo o seu capital de trinta mil escudos, já realizado em dinheiro e dividido em duas quotas iguais, uma de cada sócio.

QUARTO

A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da Sociedade, ficando dispensada a autorização da Sociedade, para a cessão da quota ou parte dela a favor de um associado.

QUINTO

A Sociedade é representada, em Juízo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, pois ambos são gerentes, os quais poderão usar da firma, única e exclusivamente nos assuntos e negócios da Sociedade, a qual em caso algum será empregada em abonações, letras de favor e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais.

SEXTO

Os suprimentos à Sociedade poderão ser feitos por qualquer dos sócios e vencerão o juro que for deliberado em Assembleia Geral.

SÉTIMO

No caso de falecimento ou interdição de algum dos sócios, os seus herdeiros ou representantes tomarão o lugar do falecido ou interdito e exercerão em comum os direitos deste, enquanto a quota estiver indivisa, fazendo-se, no entanto, representar na Sociedade por um só deles.

OITAVO

Salvo os casos que a Lei exija outros requesitos, as assembleias gerais serão convocadas apenas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com quinze dias de antecedência.

NONO

Anualmente será dado balanço reportado a trinta e um de Dezembro de cada ano, e os lucros líquidos, depois de descontados cinco por cento para fundo de reserva legal, serão repartidos pelos sócios na proporção das suas quotas.

DÉCIMO

Em tudo o mais que aqui não vai especificado, regulará a Lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação aplicável.

Aveiro, Secretaria Notarial, 12 de Outubro de 1960

O Ajudante da Secretaria Notarial,
Celestino de Almeida Ferreira Pires

Declaração

Eu, abaixo assinado, António Rodrigues Machado, casado, agricultor, natural e residente na freguesia da Vera-Cruz, da cidade de Aveiro, declaro, para os devidos efeitos, que, a partir da data abaixo indicada, não mais me responsabilizo por toda ou qualquer dívida contraída por minha mulher, *Maria Rosa Nunes da Silva*, que reside na mesma freguesia.

E por ser verdade, passo a presente declaração que vou assinar.

Aveiro, 21 de Dezembro de 1960

António Rodrigues Machado

(Segue-se o reconhecimento)

O Peru do Natal

Conto de JOÃO FALCATO

Naquele ano o carinhoso presente que as mãos da minha Mãe colocaram no meu sapato, para não deixar mal o Menino Jesus, não me agradou. Na verdade, que valia aquela meia dúzia de rebuçados ao pé dos belos presentes que todos os anos chegavam a casa de meu Avô, de manhã à noite, quase sem parar?!

Era sempre assim. Todos os anos, dia de Natal, se recebiam em casa dele coisas magníficas. Parece que em cada «monte» se preparava o melhor presente para lhe trazer. Por isso, naquele ano em que achava que não podia estar contente por conta própria, lá estava eu logo de manhãzinha a brincar no quintal, bem perto do portão, para que a função de abrir não coubesse a outra pessoa, cada vez que as pancadas da grande argola de ferro soassem. E, assim, fui eu que naquela manhã abri o portão e recebi das mãos do Marinela o peru que ele vinha trazer para o jantar daquele dia.

Recebi o peru e recebi o recado:

— Que desse muitas recomendações ao meu avô e que lhe dissesse que tinha de ter paciência de esperar mais uns tempos pelos juros. Que ele, em fazendo o negócio que esperava vinha logo satisfazer.

O meu Avô recebeu o peru, sopesando-o com ar de entendido e recebeu o recado. Mas, ao recado, fechou um pouco a sua cara dura e ficou-se. Eu aguardei que me mandasse levar o bicho para o galinheiro, mas não foi essa a ordem que veio. Vestiu o casaco e disse-me que o acompanhasse carregando o peru.

Atravessámos a vila e parámos no matadouro onde o Marinela se encontrava a preparar as rezes que ia matando para vender no talho.

Quando nos viu chegar estacou, varado de espanto e pregou os olhos muito abertos no peru que eu sobraçava. No seu torso espalhou-se um ar receoso, mas logo as primeiras palavras do meu Avô o tranquilizaram por momentos:

— Vinha ali pedir-lhe um favor; o favor de matar aquele peru, o que lhe agradecia.

Prontamente satisfeito este, novo pedido:

— Que o depenasse.

E depois, sucedendo-se, todas as operações necessárias que o Marinela realizava com ar inquieto, como quem espera um desfecho trágico, até que o peru, foi colocado na balança e rigorosamente pesado sob o olhar vigilante do meu Avô. Quando o homem com um gesto deu por finda a pesagem, vi-o acercar-se mais da balança com olhos perscrutadores, tirar do bolso do casaco o livro seboso em que assentava tudo e, vagarosamente, tomar nota do peso. Em seguida, voltando-se para o Marinela, que era como eu, testemunha muda de todos aqueles movimentos, ouvi-o dizer:

— Pois, amigo Marinela, um peru inteiro para minha casa é um desgoverno. Seis pessoas com qualquer cousa passam.

— Faz-me mais conta aos poucos. Venda-o lá no seu talho e eu mandarei buscar conforme for preciso. Aos domingos e dias santos que para hoje já estou remediado. Até fazer o peso que assentei.

Acrescentando uma despedida seca, virou costas ao Marinela que ficou pregado ao lugar, com o peru nas mãos estendidas...

Segui o meu avô no regresso, deitei uma vista de olhos aos presentes que tinham chegado entretanto e voltei para o quintal. Mas quando a aldraba de ferro soava no portão já não ia abrir e continuava brincando. Tinha-me desinteressado do resto daquele Natal. Quem sabe para que estaria a minha Avó a meter no armário os outros presentes?

Depois, durante meses foi íntimo o meu contacto com o talho do Marinela. Todos os domingos, a troco dum papelinho que o meu Avô me dava, ia buscar-lhe uma quarta daquele famoso peru do Natal.

Desse famoso peru que um dia me tinha enchido os olhos e feito parecer miseráveis os rebuçados que as mãos carinhosas de minha Mãe, na nossa casa pobre, tinham posto no meu sapatinho para não deixar mal o Menino Jesus!...

In **Portugal Ilustrado, n.º 22**

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que, por escritura de 27 de Outubro de 1960, exarada de fls. 43 v.° a fls. 45 v.°, do L.° n.° 14-B para escrituras diversas, do arquivo deste Cartório foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, entre *Manuel dos Santos Esteves* e *José Tavares Veiga*, nos termos e sob as cláusulas e condições dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A Sociedade adopta a firma *Esteves & Veiga, Limitada*, fica com a sua sede nesta cidade de Aveiro, a sua duração é por tempo indeterminado e tem o seu começo em um de Novembro próximo.

SEGUNDO

O seu objecto é a indústria de padaria (fabrico e venda de pão) ou qualquer outro que a Sociedade resolva explorar, com excepção do bancário.

TERCEIRO

O capital social, já realizado em dinheiro, é da quantia de dez mil escudos, sendo a quota de cada sócio de cinco mil escudos.

QUARTO

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer à Sociedade os suprimentos de que ela carecer, sem juros.

QUINTO

A cessão de quotas fica dependente do consentimento da Sociedade, quer para sócios, quer para estranhos, a qual se reserva, em todo o caso, o direito de preferência.

SEXTO

A Sociedade poderá amortizar qualquer quota que seja penhorada, arrestada ou de outro modo sujeita a arrematação judicial, e a amortização considerar-se-á efectuada, mediante o depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, à ordem do Juízo competente, da quantia correspondente ao valor nominal da mesma quota.

SÉTIMO

Não é permitida a divisão de quotas. No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes exercerão em comum os direitos do falecido ou interdito, sendo representados por um só herdeiro nomeado pelos restantes.

OITAVO

A Sociedade será representada, em Juízo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, que ficam sendo gerentes, sem caução nem remuneração. Para que fique obrigada a Sociedade, basta que todos os actos e documentos sejam em nome dela assinados pelo sócio José Tavares Veiga.

NONO

Salvo os casos para que a Lei exija outros requisitos, as assembleias gerais serão convocadas apenas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência.

DÉCIMO

Os balanços fechar-se-ão em trinta e um de Dezembro de cada ano.

DECIMO PRIMEIRO

Dos lucros líquidos apurados em cada balanço deduzir-se-ão cinco por cento, para fundo de reserva legal, e o restante será dividido pelos sócios na proporção das suas quotas, termos em que por eles serão suportados os prejuízos, havendo-os.

DÉCIMO SEGUNDO

Em todo o omisso regulará a Lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação aplicável, e as deliberações da Assembleia Geral devidamente tomadas *em acta*. Foi-me apresentada uma certidão passada em vinte do corrente, pela Conservatória, digo *em acta*.

Aveiro, 14 de Novembro de 1960

O Ajudante da Secretaria,
Celestino de Almeida Ferreira Pires

O COVEIRO QUE FOI RAPTADO PELOS GNOMOS NA NOITE DE NATAL

Numa antiga e pequena cidade de província onde existia uma Abadia, vivia um sacristão chamado Grabiel Grub, que acumulava o seu ofício com o de coveiro e que era um homem de feitio bilioso e mal humorado.

Uma vez, ao anoitecer e, véspera de Natal, o tal coveiro pôs a pá ao ombro e dirigiu-se para a antiga cerca da Abadia onde ia a enterrar a boa gente da cidade, pois tinha que aprontar um coval para o dia seguinte. Pelo caminho, ouvia, de vez em quando, risadas alegres e falas animadas mas a alegria dos outros exasperava o seu temperamento irascível.

Um garotito passou perto dele todo contente, trauteando uma alegre canção de Natal.

O coveiro não se conteve e deu-lhe com a lanterna na cabeça e o rapazito fugiu, emitindo sons diferentes da sua alegre cantiga. Gabriel Grub soltou um risinho irónico.

Ao chegar ao coval, trabalhou uma hora um pouco mais satisfeito e, quando acabou, sentou-se na pedra dum túmulo. Aí, sacando a sua garrafinha de genebra, bebeu uma golada.

— «Um caixão no Natal, linda caixinha de Natal. Hó! hó! hó!» — murmurou.

— «Hó! hó! hó!» — repetiu uma voz muito perto dele. Gabriel teve um sobressalto e levantou-se como impelido por uma mola, mas os pés ficaram-lhe como que pregados ao chão, pois, com espanto e terror, viu sentado numa pedra tumular próxima uma figurinha estranha que não era deste mundo. Estava-se a rir para Gabriel duma maneira que só os gnomos são capazes.

— «Que estás aqui a fazer na véspera do Natal?» — perguntou o gnomo àsperamente.

— «Vim abrir uma cova, meu Senhor» — respondeu Gabriel gaguejando muito atrapalhado.

— «Quem é o homem que vem passar a noite de Natal ao cemitério no meio dos túmulos?» — perguntou o gnomo.

— «Gabriel Grub! Gabriel Grub!» — gritaram em coro centenas de vozes que pareciam encher o cemitério embora não se visse ninguém.

— «Tenho muita pena mas os meus amigos estão a chamar-te, Gabriel» — disse o gnomo, que começou a rir às gargalhadas. O coveiro olhou para os vitrais da igreja e, com espanto, viu-os brilhantemente iluminados. Então, o orgão fez ouvir uma ária alegre e uma multidão de gnomos invadiu o cemitério, pulando e brincando em volta dos túmulos. O coveiro sentia a cabeça a andar-à-roda e, de repente, o rei dos gnomos deitou a mão ao colarinho de Gabriel e sumiu-se com ele pela terra dentro.

Chegaram a uma grande caverna onde ficaram rodeados por uma multidão de gnomos.

— «E agora — disse o rei — mostrem a este homem de má-vontade e de mau génio alguns quadros dos nossos armazéns.» Mal acabava de dizer estas palavras, uma nuvem grossa dissipou-se mostrando uma saleta pequena e pobre, mas limpa. Muitas crianças pequenas estavam a dar as boas-vindas ao pai que chegava cansado do trabalho saltando-lhe para os joelhos e puxando-o para ao pé da mãe que estava perto da lareira. Então a cena mudou e viu-se um pequeno quarto de cama onde uma criancinha loira e linda estava a morrer. Os irmãos e as irmãs agarravam-lhe na mãozita tão fria e pesada, e olhavam com respeito para a carita dele porque sabiam que ele estava morto mas que era mais um Anjo que olhava para eles das alturas felizes do Céu.

Outra nuvem passou sobre o quadro. O pai e a mãe muito velhinhos olhavam contentes para a família a que eles presidiam e que os rodeava.

«Que pensas disto tudo, homem miserável?» — disse o rei dos gnomos, levantando uma das suas pernitas e dando um bom pontapé ao coveiro.

Muitas vezes a nuvem voltou e desapareceu e muitas lições veio ensinar a Gabriel Grub. Ele viu que os homens que ganham o seu pobre pão trabalhando toda a vida são felizes; que as mulheres trazem nos seus corações uma fonte inesgotável de amor infinitamente superior ao desgosto; os homens que como ele fazem pouco da alegria dos outros são as piores sementes que há à bela superfície da terra. Assim que ele chegou a esta conclusão, caíu a dormir.

Quando acordou, tinha rompido o dia e ele estava junto da pedra tumular no cemitério. A princípio duvidou da realidade da sua aventura, mas as dores que sentia nos ombros recordavam-lhe os pontapés que tinha apanhado do gnomo.

A partir desse dia, Gabriel transformou-se num outro homem. Odiava a ideia de voltar ao local do seu arrependimento, onde tinha sido tão humilhado e ficava sem saber para onde havia de ir passear durante a noite.

Esta história tem pelo menos uma moral e que é ensinar que se um homem vive uma vida de tristeza e se embebeda solitàriamente pelo Natal, pode muito bem convencer-se de que não ganha nada com isso...

In *Boletim de Informação da Embaixada Britânica*

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o requerido *Joaquim Gonçalves de Almeida*, ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Rua de África, n.º 122, em Vila Nova de Gaia, para, no prazo de cinco dias, findo que sejam o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de benefício de assistência judiciária requerido por Zulmira Brito de Melo, casada, doméstica, residente no Bairro do Vouga desta cidade, nos termos e com os fundamentos constantes do duplicado da petição inicial que se encontra patente na Secretaria.

Aveiro, 24 do Novembro de 1960

O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária,
Miguel Joaquim Maria Varela Rodrigues

O Secretário, interino,
António José Robalo de Almeida

Litoral ★ Aveiro, 24-XII-1960 ★ N.º 322

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os requeridos *Mário de Almeida Fonseca* e *José de Almeida Fonseca*, ausentes em parte incerta e com último domicílio conhecido na vila de Serpa, para, no prazo de cinco dias, findo que sejam o dos éditos, deduzirem, querendo, o pedido de assistência judiciária formulado por Eufrásia Caeiro de Almeida, divorciada, doméstica, residente na Rua do Gravito, n.º 54, desta cidade de Aveiro, com os fundamentos constantes do duplicado da petição inicial que se encontra patente na Secretaria.

Aveiro, 7 de Dezembro de 1960

O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária,
Miguel Joaquim Maria Varela Rodrigues

O Secretário, interino,
António José Robalo de Almeida

Litoral ★ Aveiro, 24-XII-1960 ★ N.º 322

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

CITAÇÃO

Pelo Segundo Juízo de Direito da Comarca de Aveiro, Segunda Secção, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o réu *Manuel Cura*, maior, motorista e agricultor, ausente em parte incerta da Venezuela, com último domicílio conhecido no lugar e freguesia da Palhaça, desta Comarca de Aveiro, para, no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, contestar a Acção Especial do Código da Estrada, com processo sumário, que a ele e outros move a autora Companhia de Seguros Tranquilidade, S. A R. L., com sede na Rua de Cândido dos Reis, n.º 105, da cidade do Porto, na qual a autora pede que os réus sejam condenados, solidàriamente, a pagar à mesma autora a indemnização de esc. 80 029$20.

Aveiro, 26 de Novembro de 1960

O Chefe da 2.ª Secção,
Armando Rodrigues Ferreira

Verifiquei a Exatidão:

O Juiz de Direito,
Carlos Vilas-Boas do Vale

Litoral ★ Aveiro, 24-XII-1960 ★ N.º 322

CANTINA DO PESSOAL
Companhia Portuguesa de Celulose
CACIA
FORNECIMENTO DE GÉNEROS

Aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada, dentro de um envelope dirigido à Comissão Administrativa da Cantina do Pessoal da Companhia Portuguesa de Celulose, com instalações fabris em Cacia, *para o fornecimento, durante o ano de 1961*, dos seguintes artigos, cujos preços acompanharão as oscilações do mercado:

Vinho de consumo de 1.ª qualidade com a graduação de 11°, colocado na Cantina em vasilhame próprio e em fracções a indicar:

a) — **Vinho branco** — Consumo provável durante o ano . . 8 300 litros
b) — **Vinho tinto** — Consumo provável durante o ano . . 45 500 litros

Azeite de oliveira, extra, colocado na Cantina e em fracções a indicar:

Consumo provável durante o ano. . 9 000 litros

Leite de vaca, a entregar na Cantina ou a ir buscar ao estábulo:

Consumo diário. . . . . Vinte litros

As propostas, com a indicação exterior «FORNECIMENTO DE GÉNEROS PARA 1961», serão aceites até às 14 horas do dia 27 de Dezembro de 1960, dia e hora em que serão abertas na presença dos interessados ou seus representantes, reservando-se à Comissão o direito de rejeição das mesmas e de preferência em igualdade de condições.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
2.ª feira	MOURA
3.ª feira	CENTRAL
4.ª feira	MODERNA
5.ª feira	ALA
6.ª feira	M CALADO

A CIDADE

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 16, procedente dos bancos da Terra Nova e Gronelândia, entrou a barra o navio-motor *São Gonçalinho*, com cerca de 8500 quintais de bacalhau fresco.

Foi este o último barco da frota bacalhoeira de Aveiro a demandar o seu porto de armamento.

★ Em 17, a reboque do *Monsanto*, entrou a barra o navio-tanque *Cláudia*, com 765 toneladas de gasolina.

No dia imediato, uma vez descarregado, regressou a Lisboa.

Pelo Grémio da Lavoura

Peste suína africana

A fim de defender a economia pecuária do País, o Governo foi obrigado a reforçar as medidas de profilaxia adoptadas na luta contra a epizootia da peste suína africana que atingiu a suinicultura nacional, publicando, pela Secretaria de Estado da Agricultura, a Portaria n.º 18073, de 19 de Novembro do ano em curso, que estabelece a proibição do emprego de restos de comida e da alimentação humana, na engorda de suínos.

A gravidade da situação, que já se traduz, na Península Ibérica, pela morte de uma centena de milhares de suínos e ameaça todo o restante efectivo daquela espécie, reside, por um lado, no facto da doença ser provocada por um vírus, contra o qual não existe ainda vacina nem remédio curativo, e por outro, na circunstância de se transmitir pelos restos de comida utilizados na engorda de suínos.

Foram, pois, estas as razões que levaram as autoridades veterinárias de Portugal e de Espanha, reunidas no mês findo em Madrid, a salientar, nas suas primeiras medidas, a necessidade de:

1.º — Proibir da utilização de lixos de centros populacionais, na alimentação de suínos, e a existência dos mesmos, em montureiras, de qualquer natureza, ou nas suas vizinhanças.

2.º — Proibir o emprego de restos de cozinha e de alimentação humana, sempre que os mesmos não provenham de Centrais de Tratamento autorizadas pela Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, devidamente instaladas, funcionando por forma a assegurar a esterilização dos produtos e evitar a sua recontaminação.

Obra das Mães pela Educação Nacional

Mais uma vez, a Comissão Distrital de Aveiro da Obra das Mães pela Educação Nacional procedeu, durante a *Semana da Mãe*, à distribuição de prémios em dinheiro a famílias numerosas deste Distrito.

Assim, foram benificiadas este ano as famílias de Manuel Fernandes Cardoso e Maria da Encarnação Cerqueira, com 16 filhos (sendo vivos 12), residentes na Gafanha da Nazaré, com um prémio de 2500$00; e de Américo Gomes da Costa e Maria Gomes de Jesus, com 16 filhos (sendo vivos 11), residentes em Beire, freguesia de S. João de Ver, com o prémio de 2000$00.

Distribuiram-se, ainda, por todo o Distrito de Aveiro, 16 enxovais de bébé, 10 enxovais de menina até cinco anos, 3 enxovais de rapazinho de três anos, e 6 berços.

José Mortágua

No dia 19 do corrente, na sede da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, em Lisboa, procedeu-se à eleição dos novos membros da Direcção e do Conselho Geral da referida Caixa.

Em representação de todos os sindicatos nacionais que têm beneficiários abrangidos por aquela instituição, foi eleito director o nosso bom amigo sr. José Ferreira da Costa Mortágua, Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Aveiro.

Benemerência

O nosso conterrâneo sr. César L. Santos, residente há longos anos em Kingston (Estados Unidos da América do Norte), enviou-nos um cheque de 5 dólares, que se destinam aos pobres protegidos pela Freguesia da Vera-Cruz.

Pela Legião Portuguesa

«Dia da Legião»

Tiveram o costumado brilhantismo as cerimónias comemorativas do *Dia da Legião* promovidas nesta cidade pelo Terço Independente n.º 47 da L. P., no passado dia 8.

Às 9 horas, foram hasteadas no edifício do Comando Distrital as bandeiras Nacional e da Legião, enquanto uma força, sob o comando do sr. Comandante de Lança José Banaco, prestava as honras de ordenança.

Pouco depois, o T. I. n.º 47, com bandeiras e terno de corneteiros, sob o comando do Comandante de Terço sr. Dr. Fernando Marques, desfilou a caminho da Igreja de Santo António, onde foi celebrada missa pelo Rev.º P.º Dr. Filipe Rocha, que, à homilia, se referiu ao alto significado da festa da Imaculada Conceição e exortou os legionários à defesa dos altos valores morais e espirituais da Portugalidade.

Em lugares especiais colocados junto do altar-mor, viam-se, além do Comandante Distrital, sr. Coronel Diamantino do Amaral, os srs.: Dr. Humberto Leitão, Vice-presidente da Câmara Municipal; Coronel José Rodrigues Ricardo, Comandante Militar de Aveiro; Comandante Manuel Branco Lopes, Vice-presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro; Cap. João António Fernandes, Comandante da G. N. R.; Ten. Amaral Brites, Comandante da G. F.; Eng.º Alberto Branco Lopes, Presidente da Comissão Municipal de Turismo; José da Costa Mortágua, Procurador à Câmara Corporativa e 2.º Comandante do T. I. n.º 47; Francisco Ferreira da Cruz, Presidente da Comissão Concelhia da UN de Vagos; capitães Firmino da Silva e Paula Santos, e os Comandantes de Lança Grilo de Brito, Macedo Loureiro, Fernando do Amaral e Fonseca.

Finda a cerimónia, as forças desfilaram pela Avenida do Dr. Lourenço Peixinho a caminho das Fábricas Campos, em cujo refeitório se realizou, a seguir, um almoço de confraternização legionária, a que presidiu o Comandante Distrital, ladeado pelos srs.: Dr. Querubim Guimarães e José Veríssimo Alves Moreira, Adjunto Escolar, e pelo 1.º e 2.º Comandante do T. I. n.º 47.

Aos brindes, usaram da palavra o Chefe de Quina António da Silva Ferreira, o Chefe de Secção Almir da Costa e Silva e a legionária sr.ª D. Maria Emília Gonçalves. Seguidamente, falaram os srs. Dr. Fernando Marques e Querubim Guimarães e, finalmente, o sr. Coronel Diamantino do Amaral.

Todos os oradores foram entusiàsticamente aplaudidos, tendo a assistência vitoriado prolongadamente os nomes de Salazar, do Almirante Tomás e de Portugal, e, no final, cantando em coro o Hino Nacional.

Centro de Estudos Político-Sociais

No Centro de Estudos Políticos de Aveiro, na passada quarta-feira, dia 21, proferiu uma conferência o sr. Prof. José Pereira Pinto, que falou sobre *Ensino e Naturalismo Pedagógico*.

Presidiu o sr. Coronel Diamantino do Amaral, que se fez ladear pelo conferencista e pelo Reitor do Seminário de Santa Joana, Monsenhor Aníbal Ramos.

Noutros lugares viam-se os srs.: Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu Nacional; 1.º Tenente Joaquim Luzio, em representação do sr. Capitão de Porto de Aveiro; Dr. Fernando Marques, Presidente da Comissão Concelhia da U. N.; e professores primários, além de alunas da Escola do Magistério Primário Particular.

Aberta a sessão, o sr. Dr. Fernando Marques fez a apresentação do conferencista, traçando o seu perfil como homem de pensamento e distinto pedagogo.

Iniciando as suas considerações, o sr. Prof. Pereira Pinto definiu o verdadeiro sujeito da educação, referindo-se, seguidamente, ao naturalismo e cientismo pedagógico.

Escutado com o mais vivo interesse, o orador apontou, depois, as bases duma verdadeira educação de juventude, salientando a importância da formação do professor e a necessidade da reforma das escolas do Magistério Primário.

Ao concluir o seu notável trabalho, o sr. Prof. Pereira Pinto foi muito aplaudido. Seguiu-se um animado debate, em que intervieram os srs. Coronel Diamantino do Amaral, Monsenhor Aníbal Ramos, Dr Querubim Guimarães, prof. José Veríssimo Moreira e prof. Lavado Corujo.

Mocidade Portuguesa Feminina

Em comemoração do «Dia da Mãe», a Delegação Distrital da M. P. F. mandou celebrar, na Igreja da Misericórdia, uma missa, à qual assistiram as filiadas dos Centros Escolares e dos Centros Primários desta cidade.

Entre outras entidades, estiveram presentes a Delegada Distrital da M. P. F., sr.ª Dr.ª D. Maria Luísa Couceiro da Costa, e o Delegado Distrital da M. P., sr. Dr. Fernando Marques; o Reitor do Liceu Nacional de Aveiro, sr. Dr. Orlando de Oliveira; a Subdelegada Regional da M. P. F., sr.ª Arq.ª D. Maria Adosinda Gamelas Cardoso, e outras dirigentes da Organização.

cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje — As sr.as D. Natália Barbosa de Magalhães, D. Olinda de Jesus Marques, residente em Lourenço Marques e D. Maria José Pereira Monica; os srs. Dr. Francisco Ferreira Neves, Vice-reitor do Liceu Nacional de Aveiro, Sargento Agostinho Tavares, Manuel dos Santos França e Lúcio António Guimarães Estrela Santos; a menina Maria Teresa da Cunha Loura, filha do sr. Manuel Marques Dias da Loura; e o menino Vítor Manuel Moreira da Silva Gomes, filho do sr. Fernando de Pinho Vinagre.

Amanhã — A sr.ª D. Natália da Silva Calmão; os srs. Dr. Mário Duarte, Ricardo André Ferreira Nunes e José Marques Mendes Maia, tripulante do paquete «Angola»; a menina Natália de Oliveira Lemos, filha do sr. Abel Lemos; e os meninos Jorge Manuel de Almeida d'Eça Soares, filho do sr. Dr. Manuel Soares, e Luís Manuel dos Reis Vinagre, filho do sr. António Gonçalves de Pinho Vinagre.

Em 26 — A menina Aldina Maria Dias Melo, filho do sr. Manuel dos Santos Melo.

Em 27 — As sr.as D. Otília Tavares Pericão Seixas, esposa do sr. Raul Seixas, D. Dolores Pereira Ré, esposa do sr. João dos Santos Ré, D. Angelina de Vilhena Ribeiro, e D. Eugénia Rodrigues Lopes Nogueira, esposa do sr. Fausto Lopes Nogueira, residente no Funchal; os srs. Prof. Manuel Estudante, Capitão António de Almeida, Dr. Urbano Dias Dinis, Alberto Ferreira Barbosa, Jaime Ferreira da Silva Martins e Pedro Emanuel Couceiro Bastos Rebocho de Albuquerque; e o estudante José Sarabando Vinagre, filho do Manuel Eugénio Moreira Vinagre.

Em 28 — A sr.ª D. Eulália Pinho Ferreira da Maia, esposa do sr. Fernando Ferreira da Maia; os srs. Henrique Ramos, Fernando Joaquim da Rocha, Dr. Américo da Silva Matos e Eurico Tavares Correia; o estudante Nelson Mónica Modesto, filho do sr. Ernesto Freitas Modesto; e o menino Pedro José, filho do saudoso Ricardo Pereira Campos Júnior.

Em 29 — As sr.as D. Isolina Dias Rodrigues Leitão, esposa do nosso colaborador e Vice-presidente do Município Dr. Humberto Leitão, D. Maria Cacilda dos Santos Silva, e D. Benedita Vieira Decrook, ausente em Luanda; o sr. Duarte Augusto Duarte; a menina Maria das Dores Tavares, filha do sr. Darlindo Tavares; e o menino Luís Fernando Ferreira Monteiro Rebocho, filho do sr. Tenente Jacinto Rebocho.

Em 30 — As sr.as D. Maria Adosinda Ferreira de Andrade Veiga, esposa do sr. Virgílio da Conceição Veiga, e D. Ana Barbosa de Magalhães; os srs. Dr. Orlando de Oliveira, Reitor de Liceu Nacional de Aveiro, Eng.º Casimiro d'Almeida Azevedo Sacchetti, José da Naia e Pinho, Severiano José Camelo Ferreira, e Adriano Rebalo de Almeida; a menina Maria Helena, filha do sr. Jorge de Andrade Pereira da Silva, Tesoureiro do Banco Português do Atlântico em Santo Tirso; e o menino António Manuel Soares de Pinho, filho do sr. José da Naia e Pinho.

Dr. CARLOS CANDAL

Na penúltima quarta-feira, concluiu a sua Licenciatura em Direito, na Universidade de Coimbra, o antigo Presidente da Academia do Liceu de Aveiro e actual Presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra e Director de «A Via Latina» Dr. Carlos Manuel da Costa Candal, um moço que, pelas suas qualidades de carácter e inteligência, soube conquistar grande simpatia nos meios académicos por onde tem passado.

Ao novo Advogado, filho da sr.ª D. Júlia da Natividade Candal e do sr. Dr. Manuel Dias da Costa Candal, endereçamos os nossos mais efusivos cumprimentos de felicitações.

NASCIMENTO

Em 30 de Novembro findo, nasceu uma menina, que vai receber o nome de Maria José, ao casal da sr.ª D. Maria da Purificação Soares Nordeste e do sr. Manuel Picado da Cruz Nordeste.

Os nossos parabéns

BAPTIZADO

Na Sé Catedral, no pretérito domingo, foi baptizada com o nome de Maria de Fátima a filhinha da sr.ª D. Natércia Carvalho e do sr. Emanuel Fernando Carvalho.

Serviram de padrinhos a sr.ª D. Maria Boia e o sr. José Porfírio de Carvalho e Silva.

AGRADECIMENTO

Carlos Alberto Luís Pereira vem, por este meio, tornar público o seu profundo reconhecimento ao distinto médico aveirense sr. Dr. Artur Alves Moreira, pela competência e pelo desvelo com que tratou sua esposa, D. Maria José de Matos Pereira, durante a prolongada doença que a afligiu recentemente.

Aveiro, 17 de Dezembro de 1960

DESPEDIDA

Salete Sousa da Silva Lemos e seus filhos Graça Maria e João Manuel, na impossibilidade de pessoalmente se despedirem de todas as pessoas das suas relações, vêm fazê-lo por este meio, oferecendo os seus préstimos em Nova Iorque.

Teatro Aveirense

TELEFONE 23848 — Programa da Semana

Domingo, 25, às 15.30 e às 21.30 horas (12 anos)

Uma grande história de amor, num extraordinário filme musical espanhol

UMA FURTIVA LÁGRIMA

Uma película em EASTMANCOLOR, com Alfredo Kraus a reviver na tela a figura do tenor Julian Gayarre

Quarta-feira, 28, às 21.30 horas (17 anos)

Marika Rökk, Theo Lingen, Peter Schmidt, Helmut Zacharias e Louis Armstrong no filme

Noite de Gala em Hamburgo

Uma brilhante féerie que é, ao mesmo tempo, uma divertida comédia policial • Eastmancolor

Quinta-feira, 29, às 21.30 horas (12 anos)

Um novo triunfo de Walt Disney

UMA LUZ NA FLORESTA

Fess Parker • Wendell Corey • Joanne Dru • James Macarte

Cine-Teatro Avenida

TELEFONE 23343 — AVEIRO — APRESENTA

Domingo, 25, às 15.30 e às 21.30 horas (12 anos)

Amor • Aventura • Humor sadio • Originalidade

na admirável comédia alemã em Agfacolor

A ESTALAGEM DO AMOR

Um filme de Kurt Hoffman com *LISELOTTE PULVER e CARLOS THOMPSON*

Terça-feira, 27, às 21.30 horas (17 anos)

Uma produção de Jean Giono

O Nababo

Um filme francês com o famoso FERNANDEL

BREVEMENTE

O CIRCO DOS HORRORES

MUROS DO DESESPERO

A TODA A VELOCIDADE

Rotary Clube

Na penúltima segunda-feira, no Restaurante Galo d'Ouro, o sr. Egas Salgueiro presidiu a mais uma concorrida reunião do Rotary Clube de Aveiro, que se iniciou com a saudação à Bandeira Nacional, cerimónia para que foi convidado o sr. Dr. Raul Carmo e Cunha.

O sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, Chefe do Protocolo, saudou aquela ilustre personalidade, antigo Governador do Distrito Rotário, traçando a sua biografia. Dirigiu, ainda, algumas palavras ao rotário portuense sr. Joaquim Sá e aos representantes da Imprensa, a quem significou o apreço do Rotary de Aveiro pela sua presença.

Depois do Secretário do Clube, sr. Carlos Alberto Machado, se ter ocupado da leitura do expediente, o sr. Dr. Raul Carlos e Cunha pronunciou a sua anunciada palestra, desenvolvendo o o tema *Reflexões sobre a responsabilidade social dos profissionais rotários*.

O seu trabalho, escutado com muito interesse, foi, a seguir: comentado pelo sr. Eduardo Cerqueira, que agradeceu ao sr. Dr. Carmo e Cunha a magnífica lição que veio pronunciar a Aveiro.

O sr. Cravo Calisto Machado procedeu à habitual «quête» destinada aos fins assistenciais do Rotary de Aveiro; e, logo após, o sr. Egas Salgueiro encerrou a reunião, congratulando-se com o seu brilhantismo.

Cartões de Boas-Festas

A Comissão Municipal de Turismo editou uma série de nove cartões de Boas-Festas, com sugestivos motivos de Aveiro.

Muito bem apresentados e de concepção bastante feliz, ràpidamente se esgotaram os vários milhares de cromos mandados executar, sinal de que tiveram plena aceitação entre o público aveirense.

Felicitamos a Comissão de Turismo por esta sua iniciativa, de verdadeiro interesse para a nossa cidade.

Litoral

Embora saia hoje com maior número de páginas, o LITORAL não pode publicar o relato de diversas festividades levadas a efeito para se comemorar o Natal.

Fá-lo-emos na próxima semana, dando então à estampa, também, várias outras notícias já anunciadas para o jornal da corrente semana.

Tipografia «A Lusitânia»

Rua de Homem Cristo — AVEIRO

No Ministério das Obras Públicas

Apreciaram-se problemas ligados à

URBANIZAÇÃO DE AVEIRO

Convocada pelo sr. Ministro das Obras Públicas, realizou-se, no dia 10 do corrente, no seu gabinete, uma importante reunião para esclarecimento de alguns dos mais urgentes problemas do anteplano de urbanização de Aveiro, na parte respeitante à zona do centro citadino e suas comunicações com as rodovias nacionais.

A reunião foi presidida pelo sr. Ministro, Eng.º Arantes e Oliveira, estando presentes os srs.: General Flávio dos Santos, Presidente da Junta Nacional das Estradas; Eng.º Sá e Melo, Director-Geral dos Serviços de Urbanização; Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro; Eng.º Cunha Amaral, Director de Urbanização do Distrito; Eng.º Nóbrega Canelas, Chefe da Repartição das Obras da Câmara Municipal de Aveiro; os arquitectos-urbanistas professor David Moreira da Silva e D. Maria José Moreira da Silva; o Engenheiro Costa Lobo e o Arquitecto Norberto Correia, da Direcção-Geral de Urbanização, que têm estudado em detalhe os referidos problemas.

Os assuntos especialmente versados foram os do Vale do Cojo, a montante ou Nascente da Ponte-praça, e sua correlação com as planeadas comunicações oriental e meridional da cidade e com o fundo da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, e os do alargamento da Rua do Clube dos Galitos, ao Cais, a jusante ou Poente da Ponte-praça, em correlação com a Rua de Gustavo Ferreira Pinto Basto e a construção da nova sede da Filial da Caixa Geral de Depósitos e com o novo troço da Estrada da Barra, entre a Ponte da Dobadoura e a nova ponte da Gafanha.

O Presidente do Município expôs, mais uma vez, as razões que o levaram, em 1957, a propor à Câmara a urbanização do Vale do Cojo e o cruzamento, sobre a Rua de Homem Christo, dos grandes rodovias de comunicação do centro da cidade com as estradas do Porto e Norte do Distrito, Vale do Vouga e Beira-Alta, Lisboa (por Coimbra), Bairrada e Coimbra (por Cantanhede), e Lisboa (pela Figueira da Foz), bem como com os portos da Gafanha e as praias da Barra e Costa Nova; referiu a acuidade dos prejuízos e transtornos causados pela passagem de nível de Esgueira e defendeu a necessidade de se conjugar a obra rodoviária com a remodelação urbanística do centro citadino, eliminando tudo o que lhe dá o deplorável aspecto que hoje apresenta, tanto a Leste como a Oeste da margem Sul do Canal do Cojo e do Canal Central e propôs que, visto o alto custo das obras e as dificuldades técnicas derivadas da topografia local, se escalonasse o plano em duas fases de realização, para o Vale do Cojo, e em três fases, para o alargamento a Oeste da Ponte-praça, o que foi aceite.

Discutiram-se, depois, as soluções técnicas do cruzamento das duas rodovias sobre a futura Rua de Homem Christo, cruzamento que pode ser por sobreposição ou por plataforma de nível.

O sr. Ministro encorregou os arquitectos-urbanistas de apresentarem, até ao dia 10 de Janeiro próximo, o estudo das cotas e perfis da ligação da Rua de Caçadores 10 com a Rua de Homem Christo, em vista ao cruzamento em plataforma, que parece ser o único que permite a construção escalonada.

Sobre a urbanização a Oeste na Ponte-praça, não se levantaram problemas técnicos.

O sr. General Flávio dos Santos informou que será construída, pela Junta Nacional das Estradas, uma segunda ponte na Dobadoura e, conforme o escalonamento tripartido proposto pelo sr. Presidente da Câmara, o alargamento da Rua do Clube dos Galitos não irá, por enquanto, além do Largo de Bento de Magalhães e deixará para a segunda fase a demolição da casa onde se encontram a Empresa de Pesca de Aveiro e o Clube dos Galitos.

O sr. Presidente da Câmara agradeceu ao sr. Ministro das Obras Públicas a iniciativa desta importante reunião, e aos srs. Presidente da Junta Nacional das Estradas e Director-Geral da Urbanização o interesse e a atenção que têm tomado pela obra rodoviária e urbanística do centro da cidade, e aos técnicos presentes a cooperação que têm dado à Câmara de Aveiro no estudo de tão difíceis problemas que se não podem evitar, visto ser absolutamente necessário proceder à reforma do centro da cidade no sentido funcional e estético, ou seja, tendo em vista o trânsito e a urbanização.

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA SEGUNDA PÁGINA

F·U·T·E·B·O·L

União - Beira Mar

no rematou de pronto, e à figura, quando, com mais calma e serenidade, poderia dominar o esférico e seguir com decisão e certeza para o golo. Momentos volvidos, Miguel, ligeiramente atrasado, não conseguiu concluir um passe bem executado por Garcia.

Mas estava escrito que o marcador haveria de funcionar. Não a favor dos unionistas, que, aos 86 minutos, viram a bola embater na base do poste da baliza de Violas e ressaltar para o *keeper* aveirense, num livre apontado por Brito; mas, antes, favoràvelmente ao Beira-Mar, precisamente na resposta ao lance atrás descrito! Ao pretender passar a bola ao seu guarda-redes, Severino pontapeou mal o esférico, que Garcia, atento, perseguiu e atirou para as balizas desertas (Vital saíra ao encontro do seu *stopper*), apesar de se encontrar em posição difícil.

Salientaram-se, no União, Bétinho, Brito, Severino e Orlando Vieira. A turma, no entanto, continua bastante frágil e possuidora de futebol de fraquíssima categoria: salva-se, sòmente, o empenho dos seus atletas, sendo pena que alguns se excedam em comportamento incorrecto e condenável.

No Beira-Mar, toda a defesa — com Liberal em plano de muita saliência —, e ainda Garcia, Laranjeira e Amândio foram os mais destacados. A turma não actuou dentro do que pode e sabe, mas, para tanto, desta vez, podem encontrar-se razões perfeitamente plausíveis e justificáveis. Para além da pequenez do rectângulo e da toada condenável dos unionistas, há, ainda, que referir-se o *clima* que parte da assistência conimbricense criou em volta do desafio, incitando até os seus atletas à mais cobarde série de picardias! Assim, não compreendemos o Desporto!

O juiz scalabitano Samuel Abreu apitou com bastantes deficiências. Demasiado condescendente para com os locais, no campo disciplinar, foi intransigente para com Paulino, por falta que muita gente não descortinou... Foi, também, deficiente no critério utilizado para assinalar as faltas, resultando, em muitos casos, que beneficiava gritantemente os infractores. Todavia, procurou ser imparcial, o que já é uma virtude...

Registo do jogo

Campo da Arregaça, em Coimbra. Árbitro — Samuel Abreu. Fiscais de linha — João Calado (bancada) e Fernando Simões (Peão) — todos da Comissão Distrital de Santarém.

UNIÃO — Negalho (ex-Serpa); Brito (ex-Beira-Mar), Severino e Canleias; Matiota e Zeca; Margalho, Bétinho, Orlando Vieira, Lua e Aprígio.

Aos 15 m., Negalho, que se lesionara, cedeu o seu posto a Vital (ex-Serpa).

BEIRA-MAR — Violas; Louceiro, Liberal e Jurado; Amândio e Marçal; Miguel, Laranjeira, Calisto, Garcia e Paulino.

1.ª parte: 0-0.

Golo de GARCIA, aos 87 m., pelo Beira-Mar.

Campeonatos Regionais

TABELA DE PONTOS

CLUBES	J.	V.	E.	D	Bolas	P.
Espinho	17	12	3	2	48 - 11	44
Arrifanense	17	11	3	3	38 - 15	42
Recreio	17	11	2	4	35 - 18	41
Ovarense	17	8	4	5	33 - 24	37
Cucujães	17	8	3	6	27 - 26	36
Pejão	17	8	2	7	35 - 29	35
Lusitânia	17	6	3	8	26 - 32	32
Lamas	17	4	2	11	28 - 40	27
V. Alegre	17	3	2	12	18 - 48	25
Cesarense	17	1	2	14	11 - 57	21

RESERVAS

Os jogos da final do Campeonato de Reservas foram marcados para as seguintes datas e locais:

8 de Janeiro — Na Vila da Feira, *Feirense-Oliveirense.*

22 de Janeiro — Em Oliveira de Azeméis, *Oliveirense-Feirense.*

JUNIORES

A segunda ronda da *poule* final proporcionou novo êxito à Sanjoanense, que, desta forma, se isolou no comando da prova.

Resultados do dia:

Sanjoanense, 7 - Ovarense, 0
Feirense, 3 - Recreio, 0

Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	2	2	—	—	9-1	6
Feirense	2	1	—	1	5-4	4
Ovarense	2	1	—	1	4-9	4
Recreio	2	—	—	2	1-5	2

Basquetebol

Beira-Mar, 43 — Illiabum, 30

Jogo no Rinque do Parque, no sábado, à noite. Árbitros: Manuel Neves e Manuel Arroja.

BEIRA-MAR — Necas 7, Feliciano 4, José Luís Pinho 14, Paroleiro 12, Rosa Novo 1, Salviano 4, Pimenta 1 e Vidal.

ILLIABUM — Grilo 7, Cachim 2, Balau 5, Jorge 6, Elmano 10, Matias e Pedro.

1.ª parte: 27-12. 2.ª parte: 16-18.

Os beiramarenses conseguiram 18 cestas de campo e transformaram 7 lances livres em 20 tentativas (35 %). O Illiabum marcou 13 cestas de campo e converteu 4 lances livres em 20 tentados (20 %).

Sanjoanense, 51 — Esgueira, 39

Jogo no Pavilhão de Desportos de S. João da Madeira, na noite de sábado. Árbitros: Manuel Bastos e Narsindo Vagos.

SANJOANENSE — Mário, Tavares 10, Almeida 2, Joaquim Lagoa 19, Aureliano 4, Edmundo 8 e Armando 8.

ESGUEIRA — Júlio 2, Vinagre 3, Manuel Pereira 6, Américo 18, César 5, Raul 4 e Ravara 1.

1.ª parte: 24-15. 2.ª parte: 27-24.

A Sanjoanense obteve 21 cestas de campo e converteu 9 lances livres em 20 tentativas (45 %). O Esgueira alcançou 13 cestas de campo e transformou 13 lances livres em 21 tentados (61 857 %).

Novo Presidente da Comissão de Árbitros

forço no sent do de resolver os problemas da arbitragem e de se prestigiar a causa dos árbitros.

A concluir — o sr. Eng.º Ventura da Cruz — depois de evocar a figura prestigiosa do seu saudoso antecessor, Dr. José Abílio Clemente dirigiu palavras de apreço à Imprensa.

Problemas de Interesse para o Lavrador

Aumente o número de cabeças de gado aproveitando melhor as suas pastagens e lameiros

O número de cabeças de gado de que um lavrador dispõe depende, evidentemente, da área de terra que possui, pois se algum alimento pode adquirir fora da sua exploração, o certo é que a forragem ou a pastagem condiciona de maneira inegável o quantitativo de gado que pode alimentar. Evidentemente que uma mesma área ou superfície de terreno pode aguentar número diferente de cabeças de gado: tudo dependerá da maneira como é explorada a terra. Se ela é deixada ao «Deus dará» e sem que o lavrador que a amanha não mostre um mínimo esforço para a tratar melhor, evidentemente que nada poderá esperar. Se, pelo contrário, o lavrador é progressivo, gosta da sua terra e se esforça por dela tirar o melhor partido, evidentemente que será recompensado pelo maior rendimento que passará a usufruir, em virtude de poder sustentar maior quantidade de gado.

Um dos meios que muito contribui para aumentar a produção das pastagens é, sem dúvida, através da sua correcção e fertilização. Mas outros cuidados se deverão atender, tal como o de não deixar pastar nem exageradamente muito, nem exageradamente pouco. O excessivo pastoreio provocará um desequilíbrio, que se traduzirá pelo enfraquecimento das gramíneas. Pelo contrário, o reduzido pastoreio trará o enfraquecimento e mesmo desaparecimento de algumas leguminosas, tais como o trevo branco. Existiria toda a vantagem em que se procurasse, quanto possível, adoptar o sistema do apascentamento escalonado como forma de se regularem os excessos de pastoreio.

De entre outros cuidados a ter com a pastagem, recordamos a vantagem que haveria do gado só entrar na pastagem quando as ervas apresentassem de 15 a 20 centímetros de altura média. Após a passagem do gado ou corte, convirá a aplicação de um adubo azotado, tal como o Nitro-Amoniacal Concentrado (10 a 15 gramas por metro quadrado).

Ministério das Corporações e Previdência Social

Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas

AVISO

Distribuição dos Fogos do Bairro de Casas de Renda Económica de Aveiro

1.—Nos termos do art.º 1.º do «Regulamento da distribuição de casas de renda económica», aprovado por despacho de 28 de Junho último, de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, torna-se público que está aberto concurso pelo prazo de 30 dias a contar da data deste AVISO, para distribuição dos fogos que constituem o bairro de casas de renda económica de Aveiro.

2. — A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com as disposições do referido Regulamento.

Dá-se preferência na classificação aos concorrentes que sejam beneficiários (ou casados com beneficiários) das Caixas de Previdência integradas nas «Habitações Económicas» — Federação de Caixas de Previdência — e residam e trabalhem há mais de dois anos em Aveiro. Até ao limite de 20 % do número de fogos a distribuir dá-se a mesma preferência aos candidatos propostos pela Câmara Municipal de Aveiro, que habitem em prédios cuja demolição esteja prevista no plano de Urbanização daquela cidade.

3. — O número total de fogos a distribuir é de 72, assim discriminados:

36 fogos do tipo II (3 divisões assoalhadas, cozinha e WC);

36 fogos do tipo III (4 divisões assoalhadas, cozinha e WC).

4. — Os requerimentos de habilitação ao concurso por parte de beneficiários (ou casados com beneficiários) de Caixas de Previdência, devem ser entregues até ao dia 16 (inclusive) do próximo mês de Janeiro, nas respectivas instituições de previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser entregues, dentro do mesmo prazo, na Delegação do I. N. T. P. do Distrito de Aveiro.

5. — Todos os esclarecimentos serão prestados nas Caixas de Previdência, na referida Delegação do I. N. T. P. e na 2.ª Repartição da Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas — Rua da Junqueira, n.º 112 — em Lisboa.

2.ª Repartição da Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas em 17 de Dezembro de 1960.

O Chefe de Repartição,
(assinatura ilegível)

Uma Carta do Natal

Continuação da primeira página

para que eu lhe procurasse no mundo algum amparo que substituisse o do seu filho amado e a livrasse de mendigar. Para o fim de que se tratava, escrevi então, há sete anos, uma carta ao rei D. Fernando por intermédio do seu secretario e meu amigo, o barão Kessler. Duas horas depois, um creado dos Necessidades subia a minha casa, fazendo-me saber por um tocante bilhete que a mãe do meu infeliz amigo principiava desde esse dia a receber pela tesouraria do rei D. Fernando a pensão mensal de 18$000 reis, abonando-se-lhe desde logo a soma correspondente a dois meses, que para esse efeito se consideravam decorridos e em debito.

O rei D. Fernando expirou há oito dias. Da mãe de Soromenho não tornei a ter noticia, e não sei onde ela mora. Chamava-se D. Maria Pereira Soromenho e habitava, há oito anos, para os lados da Lapa ou do Campo de Santo Ovidio. Tenho esperado debalde noticias della. Está à porta a vespera de Natal e a sua carta não vem.

Perdoe ao meu egoismo, Luiz de Magalhães, e consinta que eu arranche a aquecermos juntos o vinho deste Natal, pedindo-lhe que saiba se ainda vive essa senhora e faça com que ela não sinta hoje, de uma maneira excessivamente cruel, que o seu bemfeitor se foi reunir ao seu filho».

Neste mundo de egoismos e rancores, nem todos esqueceram, felizmente, a lição sublime do Natal — a divina mensagem do amor entre os homens, capaz de transformar cardos agressivos em rosas aveludadas...

Augusto Soromenho, «trabalhador indefeso e erudito», foi, sem dúvida, uma personalidade «complexa», um homem «singular». Conquistou amizades e desprezos, simpatias e repulsas... Aplaudiram-lhe os méritos extraordinários e pretenderam denegrir-lhos... Louvaram-lhe a «nobreza de sentimentos» e acusaram-no de «intratável» e «ingrato»...

Há quem o estude como «um caso patológico». Júlio Brandão, na *Galeria das Sombras*, depois de analisar a seu modo um facto nada lisonjeiro para o insigne aveirense, recorda que nos cabe a todos «o dever de o explicar — e de lhe perdoar» e reproduz a judiciosa observação de que «as suas violências mais ásperas procediam todas da sua sensibilidade doentia e delicada».

Creio, porém, que o douto e probo académico poderia ter dedicado à memória de Augusto Soromenho, com absoluta justeza, as palavras que escreveu sobre o irreverente, mordaz, odiado e caluniado jornalista Eduardo de Barros Lobo, mais conhecido pelo nome literário de *Beldemónio*: «O seu grande talento e os infortunios, que o rodearam sem tréguas, absolvem-no de tudo; o sofrimento redimiu-o de todas as faltas graves, se é que as teve». Justifica-se a dúvida: é tão inacessível, as mais das vezes, o mundo recôndito das almas!

Naquela promessa da Mãe de Soromenho, de morrer bendizendo quem lhe acudiu, revela-se um sentimento adorável de profunda gratidão. Não será ousado garantir que o filho herdou da honrada senhora um coração «sensível e agradecido», que guardava «bem no intimo do seu peito» — como o Dr. Magalhães Basto disse algures e repetiu no seu livro *Homens e casos duma geração notável.*

Há na carta de Ramalho a noticia de um facto enternecedor que o corrobora — iluminando de claridades a reputação, «deturpada pela maledicência», do notável e infeliz aveirense. Esmagado pelas desventuras e acabrunhado pelas doenças, afligido pela escassez dos recursos e pela enormidade dos encargos — das migalhas da sua mesa, a que se sentava com a esposa e dois filhos, retirava todos os meses 12$000 réis para acudir ao sustento da sua pobre Mãe. Este acrisolado amor filial abala grandemente a tese dos seus detractores: em tudo o que as suas atitudes pareçam ingratidão, hão-de procurar-se, em homenagem à justiça, as verdadeiras razões, pessoais e circunstanciais, que as determinaram.

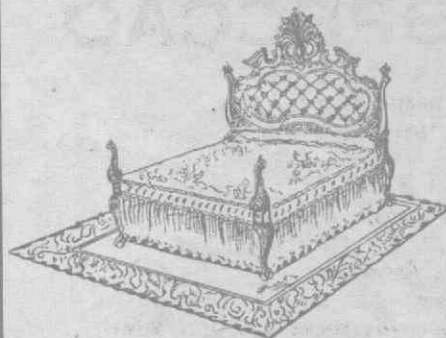
Soromenho soube exercitar a virtude de ser grato — arrancando dignamente às suas tomes o pão que devia a quem amoràvelmente lhe dera o seu leite. Ora repugna admitir que possam viver em promiscuidade, na mesma alma, o amor e o ódio, a beleza e a fealdade, a pomba e o abutre, o sim e o não...

Ramalho, amigo intimo de Soromenho, que perfeitamente conheceu e sinceramente admirou, fez o mais rasgado elogio das suas «qualidades desinteressadas e nobres». Constitui um prazer inefável «arranchar» com o grande escritor «a aquecermos juntos o vinho deste Natal» — quebrando as arestas vivas de todos os incompreensões que possam ainda ferir a memória do «desgraçado» aveirense.

Naquela divina mensagem do amor entre os homens, que há vinte séculos começou a cantar-se num presépio, impõe-se também aos vivos o piedoso encargo de afofar as campas dos mortos...

No procedimento fidalgo de D. Maria Pereira Soromenho, propondo-se morrer a abençoar quem a socorreu; no de seu filho Augusto Soromenho, sustentando honradamente quem o amamentou; no de Ramalho Ortigão, buscando com decidido interesse o amparo de que necessitava a Mãe de um seu amigo; e no do rei D. Fernando, socorrendo generosamente e com extrema delicadeza uma desditosa velhinha — em tudo isto esplende o doce «afago da ternura humana».

Recordando e imitando semelhantes bondades, aquecerá mais o vinho com que poderemos celebrar alegremente o Natal.

António Christo

Natividade

Continuação da primeira página

de todos os tempos; que a Rua da Amargura tem de ser percorrida e que o Calvário lá está no fim da jornada...

Sabia tudo isso, e tinha, no fundo dos olhos, negros e baços, uma sombra de desesperança, e, nas mãos, nodosas e tortas, uma força oculta que as animava, traindo-lhe as intenções.

E o sono do Menino que quis figurar, saiu-lhe sono de morte; e o sorriso de paz, que quis animar, saiu-lhe esgar de agonia; e os olhos da Mãe, azuis e agradecidos, que quis iluminar, sairam-lhe embaciados pelo pranto de quem tem ao colo um filho morto...

Do cerne cheiroso do pinheiro manso o Santeiro não arrancou — como queria — uma «Natividade» para o presépio dos netos, mas uma «Pietà», dramática e sombria, a exprimir os passos dolorosos do futuro.

Frederico de Moura

Breve Meditação sobre o Natal

Continuação da primeira página

para não nos perseguirmos a nós próprios; para afirmarmos, através da miséria do materialismo infrene e das perturbações desumanas, as claridades sublimes do Sermão da Montanha.

Nós sofremos a Angústia dos pecados dos nossos dias — dos pecados de muitos entontecimentos que conturbam o Mundo e cegam as inteligências.

E nestas horas duras das nossas preocupações e sofrimentos, no turbilhão dos rumos incertos, o Presépio é a lição magistral que nos faz lembrar os pobres, os martirizados, os aflitos, os caminheiros de muitas agonias, os que pedem pão e pedem justiça.

Está ali a grande lição do exemplo, que dita a humildade aos corações e às inteligências, a humildade de todos os grandes amores e piedades, a humildade de todas as grandes belezas, dos falsos profetas da felicidade humana que a cada instante apregoam o ódio e a divisão dos homens.

Está ali a Luz da Verdade. E só submetidos a esta virtude podemos opor-nos às heresias que perturbam os espíritos, aos conceitos filhos do erro e da mentira, aos que nos perseguem e nos odeiam na unidade da Fé e da Pátria, que é o terrunho sagrado que Deus nos concedeu na nossa temporalidade.

Hoje, o Natal está em nós... e todos poderemos ser os Reis Magos da Nova Idade — Homens-bons, Homens-virtude e Homens-paz — se nos deixarmos guiar pela mesma luz esplendente que há dois mil anos os guiou até Belém.

M. Lopes Rodrigues

Natal de ANNE FRANK

Continuação da última página

que não arranja logo uma tragédia com tudo o que se diz sem intenção, mas que torna antes a sério o que preocupa os seus filhos intimamente. Estou a sentir que não me exprimo como queria, mas a palavra «mamsi» já diz tudo. Sabes o que descobri para chamar a mãe com um nome parecido com Mamsi? Chamava-lhe muitas vezes «Mansa» e depois ficou «Mansi», o que é uma «Mamsi» incompleta. Muito gostava eu de poder honrá-la com mais um tracinho no «n». Mas a mãe de nada suspeita, o que é bem, porque se soubesse ficaria infeliz.

Basta! Já aliviei o coração da minha «tristeza mortal», e sinto-me melhor.

(*in* «Diário de Anne Frank»)

A PRENDA

Continuação da última página

sava a rua, gritando para uma pequenita descalça e que o esperava:

— Mana, olha o que te arranjei.

Deram as mãos e, olhando-os, parecia-me ver nos dois a imagem própria da alegria da Natividade.

Pereira da Silva

INTROSPECCÃO

O vento torna brancos os eucaliptos.
Verga-os em mesuras,
Inseguras,
Mas altivas.
E os pinheiros nodosos,
Cheios de altivez,
Vergam os caules frondosos
Todos por uma vez,
Projectando sombras às cores
De grandes senhores
Nos vales
Povoados
De vidas multicores
Dobradas pelo vento forte
Do Norte;
Vidas
Unidas
Na amplidão de toda a Terra
Focos diferentes
Do Mundo da Natureza
Original.

Verga-se toda a Natureza,
Mesmo depois do vento parar,
Para saudar
E venerar
Aquele que nasceu, quase há dois mil anos,
Para ensinar
O Homem
A amar
E a conhecer o próximo
Como a si mesmo
E a seguir, sem pudor,
A Natureza
Porque Ela é exemplo Dele Próprio:
Unidade e Amor.

Jaime Borges

Direcção de
JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

A PRENDA

POR PEREIRA DA SILVA

MAIS tarde soube que o miúdo não vivia o filme de Charlot. Nem olhava para o pequeno écran onde o inimitável artista exibia uma arte incomparável. Os seus olhos muito abertos estavam pregados no monte de saquinhos de seda, cheios de rebuçados e chocolates, que as constantes variações da luz do projector faziam brilhar em cores variadas.

Quando pela primeira vez o vi, estava esticado na ponta dos pés, encostado timidamente na porta de entrada. Reparei, sim senhor, porque a gente ainda olha para estas coisas. E comove-se. Às vezes emocionamo-nos, mas que vale isso? Dentro de segundos, presos a coisas muito mais agradáveis, esquecemo-nos de tudo e voltamos a ser o que na verdade somos: egoístas, um pouco duros, vítimas, ao fim e ao cabo, do suceder constante duma máquina social que nos força à obediência e submissão.

Mas para que estou eu a contar isto? Aquele miúdo, de que não sei o nome e que nunca mais vi, não é único nem original. Pobres como ele há milhares que aparecem em todas as portas de festas semelhantes, festas que nada resolvem mas nas quais nos sentimos bem, talvez porque nos lembra um Natal próximo e todos nós gostamos do Natal. E gostamos dele porquê? Será, possivelmente, porque esta quadra simbólica nos dá oportunidade de expressarmos tudo aquilo que na verdade e telùricamente somos: uns «bom-serás» que uma engrenagem mal alicerçada desvia do seu caminho e dos seus profundíssimos desejos de cooperação e solidariedade.

Retornemos, porém, à pequenina e simples história da criança em causa. Realizava-se a última festa infantil do Cine-Clube de Aveiro. Prémios e brinquedos, música e alegria, um ar de bom entendimento, de franqueza e sinceridade, que só entre as crianças poderemos, e ainda felizmente, encontrar.

O menino olhava os saquinhos de rebuçados e eu, por momentos, pensei que ele estava ali a mais. Não que nos importássemos de tal, Deus me livre. Mas, nos breves períodos em que o via e nele pensava, sentia-me dentro do seu espírito de pequeno metido nuns sapatos de tamanho exagerado.

À força de por ele passar, descobri que o brilhos dos saquinhos coloridos e o ruído suave e característico do desembrulhar de papel de seda, o prendiam sobre todas as coisas. Mas como era melhor atendermos e pensar naqueles petizes alegres que nos interpelavam por tudo e por nada com olhos sorridentes e que nos pediam as coisas mais estranhas com uma franqueza que nos perecia incrível, de tão habituados às fórmulas estudadas da educação geral e característica...

Prezado leitor: eu sinto a vergonha daquele menino ao pedir-me um saquinho de rebuçados. Mas é preciso que eu faça um trabalho para o Natal, e o assunto traz-me logo à ideia o Menino símbolo de todos os meninos. Eu nunca tive Natal e talvez nunca tenha sido menino. É possivelmente por isso que me sinto chocado ao ouvir uma simples frase que nos grita o desejo de todas as crianças terem o seu Natal.

— Dê-me um daqueles saquinhos, senhor...

O rapaz falou. E não teve vergonha de pedir, porque ainda não tinha experiência para ter a vergonha verdadeira. Afadigava-se todo o mundo para sair. A confusão fez-me esquecer o pedido do rapazote. Mas os seus olhos ansiosos seguiam-me por todo o lado, lembrando-me o seu desejo.

— Não quer que o ajude, senhor?

Então pensei mais demoradamente naquela criaturinha. Uma ténue angústia me invadiu ao ver que até nele o sentido do preço começava a mandar. Procurei os rebuçados e dei-lhos, sem me furtar a uma rápida carícia.

Saí logo a seguir. O frio e a luz do crepúsculo pareciam fundir-se para dar cristalinidade às águas da maré-cheia. O rapaz dos rebuçados atraves-

Continua na página 15

Editorial

Mais um Natal que chega, como todos os anos, como há muitos anos.

Sempre a mesma mensagem a lembrar ao Homem o que Ele já sabe mas não segue.

Todos os anos uma centelha, que parte de algures no tempo, atinge-lhe o coração, fere-lhe a sensibilidade, e, então, ele é bom. Nesse dia sente-se mais vivo, porque nasce outra vez. Nasce com um Menino Jesus, num berço de palhinhas escondido num aurículo do seu coração.

Também *Væ Victis!* sente o Natal. E neste, o segundo da sua existência, deseja a todos os seus leitores e colaboradores, Boas-Festas e a felicidade de se sentirem tocados por aquela chama de amor que partiu há séculos de Belém.

Em 1943, foi assim o NATAL DE ANNE FRANK

Sexta-feira, 24 de Dezembro de 1943

Querida Kitty:

Já te tenho dito muitos vezes que o ambiente aqui depende da nossa disposição. E eu, a tal respeito, estou cada vez pior. Pode aplicar-se-me o dito: «alegria celeste, tristeza mortal». Sinto uma «alegria celeste» quando me lembro como estou bem aqui em comparação com outros judeus. «Tristeza mortal»... invade-me, sim, quando ouço contar que a vida lá fora continua. Hoje esteve cá a sr.ª Koophuis e contou que a sua filha Corrie faz Desporto, passeia numa canoa com amigos e representa num Teatro de amadores. Não sou invejosa, mas quando oiço falar em tais coisas, apetecia-me tomar parte nelas, pelo menos uma vez; queria divertir-me como todos os outros, não ter preocupações, ser feliz, rir! Justamente nesta época tão bonita, em que há as férias do Natal e Ano Novo, estamos aqui como párias. Bem sei que não devia escrever tais coisas, por parecer que sou ingrata e exagerada. Mas mesmo que tu penses agora mal de mim... não posso guardar tudo isto e cito mais uma vez aquela frase que escrevi no princípio: «O papel é paciente!»

Quando chega alguém de fora, ainda com a frescura do cheiro a vento nas roupas e com a cara vermelha do frio, apetecia-me enterrar a cabeça nos cobertores para não pensar sempre no mesmo: «Quando é que poderemos ir lá para fora e respirar o ar e a liberdade?!» Mas não me posso esconder; pelo contrário, tenho de me mostrar direitinha e corajosa e, contudo, os pensamentos não se deixam dominar, vêm e tornam a vir. Acredita: quando se está fechada há ano e meio, chegam momentos em que se julga não se poder suportar mais. Ainda que eu seja injusta e ingrata, não sou capaz de negar o que sinto! Apetecia-me dançar, assobiar, andar de bicicleta, ver o Mundo, gozar a minha juventude, ser livre. Digo-te isto a ti, mas não o posso dizer a mais ninguém porque se todas as oito pessoas cá no anexo se lamentassem e mostrassem caras infelizes, onde iríamos então parar?

Por vezes, penso:

«Será possível que alguém me compreenda? Ou só vêem em mim a adolescente que não quer outra coisa senão divertir-se?» Não sei e não posso falar sobre isto com ninguém, pois era capaz de desatar a chorar. Todavia... seria um alívio poder chorar uma vez à vontade! A despeito de todas as teorias, de todos os esforços, sinto a cada passo a falta de uma mãe que me compreenda. Por isso penso sempre, ao trabalhar ou ao escrever, que quero ser, mais tarde, para os meus filhos, aquela mãe que eu desejava ter, essa «mamsi»

Continua na página 13

OS PRESÉPIOS

são uma das formas mais pitorescas da nossa Escultura e um reflexo na devoção ingénua e simples dos portugueses. Foi Machado de Castro que deu a esta Arte de sabor popular um requinte e uma dignidade plástica nunca atingidas até essa época.

NA GRAVURA
Presépio da Igreja da Estrela, composto por Machado de Castro — Séc. XVIII